

Davi Araújo

LIVRO RUÍDO

 Συστοία Σειτορα

Título: *Livro Ruído*

Autor: Davi Araújo

Revisão: João Reis e Natália Reis

Conceção gráfica: Susana Lima

Capa: Davi Araújo

Impressão: Nova Lello

1ª edição: setembro de 2011

Tiragem: 500 exemplares

© **Eucleia Editora, 2011**

Vila Nova de Gaia

T: 922259792

eucleia.editora@gmail.com

<http://eucleiaeditora.com>

ISBN: 978-989-8443-10-6

Depósito Legal: 330811/11

De acordo com a legislação vigente, o uso indevido desta obra constitui crime e está sujeita a coima ou pena de prisão.

Os livros da Eucleia Editora respeitam as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

*Contra o que tenho olvido
é dedicado este livro ruído.*

língua ordinária

a minha língua é da boca para fora
e como tudo o que é rápido vírgula
a língua também se levanta, demora
e quando ela se agiganta é maiúscula
que a mesma língua que se janta devora
pois toda língua é longa, dentro embora vernácula

e quando natural
 a língua é bela
e rebelde e oral
e tudo mais que falamos dela:

língua de fora, gringa
língua que aflora, xinga
língua curvilínea, swinga
língua sanguínea, pinga
língua de fogo, vinga
língua de jogo, ginga

taumaturga
 a língua que conjuga
 é a língua que quis

demiurga
 a língua que refuga
 é a língua que fiz

dramaturga
 a língua que subjuga
 é a língua que diz

em sua própria língua
ela, língua, debate
com cada língua a se debater na própria boca
uma língua deitada de prazer
sobre a língua que nos fala de um vate
ela entre ativa e passiva
é língua dentada de me dizer, boca à boca
o amor à língua, lasciva e rouca
falando agressiva, sublingual
pouca a pouca, da língua louca de te morder
tudo o que não é oral
ou babel barroca

a língua à solta
 linguagem que ama
não míngua, açoita
 língua e idioma
 bem aqui, ali igual
 linguajar predileto
 a língua normal
 língua e dialeto

a língua que veneno destila
a língua glândula, palavra, papila
língua gula a língua que engole
língua mole, sem nome
língua que se come
língua de fome

pois grave a língua, língua aguda
trave a língua: linguaruda

língua rude a fazer alarde
 a língua ilude, estala e arde
 mas não se cala

a língua da dança
 é a língua que não se cansa
 a língua da criança
 é a língua que não se alcança

descubra a língua escarlate
 o disparate da língua rubra
 aconselha a língua carmim
 o latim da língua vermelha
 lambem a língua a estalar
 e também a estar lá
 a fala, o falo, a goela, o grelo

num canto beijam-na
 e é supérflua a saliva
 que racha líquida a chupar léguas
 e se desejam-na iníqua, molhada e muscular
 contígua à mandíbula, profícua no paladar
 quase mordida de lira a ladrar
 é inócuo calar a perpétua cantiga
 a linha contínua da arte antiga

tudo o que é parte da língua
 tudo o que é parte da língua

ποιήτης

monvo palavras
lanvro novidades
falo movimentos

não poetizo o meu poema,
mas me exponho ao triálogo

não ajo como poeta, ajo por poesia, ou apenas ajo

digo-me: vá-te de mim!
e me manifestejo...

quando me inspiro sou o que suo sublime
e para que eu verse qualquer coisinha verve
pois meu rimário é incautobiográfico:
eu valho, mas não bardo

ontologia fonética

encontrei uma língua de quimera a soar insabida ao ser que se era
para que todos os sentidos se iluminassem em todos os sentidos
a acordar para o grande sonho de inaudito inominável que espera
quando e onde o próprio ser é poesia a reler versos jamais lidos

alter et idem

eis que a ave volátil declama o peixe solúvel
e de repente a geografia de uma rasura
conta a história d'alguma literatura

e são os ininteligentes elegíveis
na universalidade intraduzível
ismismos mesmo preferíveis
à grande banalidade indigerível

que a biblioteca me preserva a ignorância
porque o pior labirinto é uma linha reta
se nas leituras solitárias desde a infância
tornar-me um outro e o mesmo é a meta

contemplo o duplo na reflexão volúvel
altero-me só um pouco e no reflexo
outro é um eu de mim desconexo

Vernaculáceo

Linguajar, ruja para quem te resista,
pela boca que verseja com voz alquimista a gíria supimpa;
há já sua língua limpa ou suja, ou seja,
uma linguagem que exprima tudo isso que ardente freme,
e que a gente imprima o que blasfeme.

Aja o som em cada pranto, haja o rito...
aja o dom em cada santo, haja o mito...
e o espanto, portanto;
haja o dito... aja o bom em cada quanto,
haja o grito... aja o tom em cada canto.

E, com o pendão da má palavra, liberdade,
em branco e negro ou poesia tatuados em cada cor: ação,
silenciosa mente arauta da novidade verbal;
aliás sílaba, fonema fenomenal da mensagem para vocês,
ou eu, mau selvagem, em bom português.

Curriculum Vitae

Eu sei ler e escrever (e nisso sou destro)
Bem como falar e ouvir com três sentidos diferentes
Os outros dois não quis aprimorar, mas os três valem por seis
Não toco nenhum instrumento, mas aprecio de ouvido
Assovio mal, mas com originalidade
Li uns cinco mil livros e escrevi uns dez
Embora desafinado, sou capaz de cantar
Não sei arrotar, mas faço outros ruídos estranhos com a boca
Posso peidar bem alto para forçar alguém a rir
Às vezes consigo não rir sob cócegas
Fico mais de um minuto sem respirar
Sei bater palmas e quando fazê-lo
Não sei dançar, menos rock & roll

Sei andar, para frente e para trás; para frente também sei correr
Cambalhota igualmente eu dou para frente e para trás
Sei virar estrela, para um e outro lado, brilhantemente
Andar também faço a cavalo ou burro
Nado na água e trepo em árvores, apenas respetivamente
Posso pular ou permanecer em pé em um só pé
Sei pular corda e andar de bicicleta com esmero
Sou bom motorista de carro, de moto tenho medo
Consigo atirar uma pedra beeeeeem longe

Sei amarrar os cadarços dos tênis, mas um de cada vez
Não sei fazer aviãzinho, mas faço origami de passarinho

Sei tomar ônibus, metro, trem e avião sozinho (pago passagem)
Sou bom em caça-palavras, palavras-cruzadas,
caça-cruzadas e cruza-caçadas
Jogo xadrez nível básico
e jogo da velha avançado (quando começo)
Sei jogar futebol, voleibol e basquetebol,
mas acho muito quadrado
Faço flexão de braços, abdominais e polichinelos,
mesmo sendo tão cansativo
Faço-me desfazer do cigarro
com apenas dois dos meus vinte dedos
Livro-me das piores sujeiras do nariz com indefetível discrição
Cruzo as pernas sem qualquer deselegância
e os braços com alguma empáfia
Sei combinar as cores das roupas, até com pressa,
se a luz estiver acesa
Educado, como com garfo e faca ou colher,
e com as mãos quando aqueles faltam

Sou bem humorado, menos de manhã
Consigo ficar 48 horas sem dormir sem café
Sei ver as horas no analógico e diferenciar AM de PM no digital
Demoro para dormir, mas luz e som não me incomodam,
embora causem insónia
Sei como plantar feijão e maconha e saber o que é legal
Conheço a técnica de ferver e congelar água,
além de derreter gelo
Tempero, refogo e frito, embora não saiba cozinhar
Aprendi a beber e fumar e até a achar isso gostoso
Como pouco, mas gosto muito; não como de tudo, mas consigo
Sei beijar na boca, a língua aí inclusa (com ou sem bala)

Pisco os dois olhos independentemente
ou até os dois ao mesmo tempo
Pego na mão com carinho e dou aperto de mão com força
Deixei precocemente de ter de deter a ejaculação precoce
Conheço o Kama Sutra, mas só domino meia dúzia de posições
Aprendi a colocar e tirar preservativo, mas feminino ainda não
Posso gemer bonitinho e ter um orgasmo sem gritar
Sei masturbar, eu e ela, e fazer sexo oral (só nela)

Estalo pulsos e tornozelos,
vinte lugares nos dedos das mãos e dez nos dos pés
Não possuo deficiência física, mental ou cognitiva perceptível
Posso conseguir um barbear perfeito e conter a hemorragia
Nunca tive alergias, doenças graves ou contraí hipocondria
Mijo antes de balançar, limpo a bunda sem ajuda
e depois dou descarga
Jamais tive prisão de ventre e,
em caso de diarreia, faço soro e soro
Tenho 28 dentes (de leite) que escovo a toda hora,
já que leite também é refeição
Limpo minhas (duas) orelhas sempre que falta terra no jardim
Suporto bem o nojo de engolir sapos ou cuspir cobras e lagartos
Não tenho medo de altura, mesmo que ela seja maior do que eu
Fiz três tatuagens indiscretas
em locais discretos (locais do meu corpo)
Em uma dezena de países, perdi-me para me achar e voltei
Mantenho as unhas de mãos e pés aparadas
e sem chulé (nas mãos é mais fácil)
Tenho dois jeitos falsos de sorrir,
com ou sem dentes amarelos aparecendo
Sei ler bula de remédio, mas confesso fazê-lo sem prazer

Não sou muito racista, xenófobo, sexista ou tampouco hipócrita
Até conheço por socorro de terceiros os primeiros socorros
Não sou violento nem insensível às feridas que causo a outrem
Aprendi a brigar na rua,
 dou até cabeçada e voadora (mas não no mesmo golpe)
Tenho excelente cicatrização e diariamente sangro muito pouco

Escrevo com letra legível e bonita, eu acho
Tenho muito boa aparência, acha minha mãe
Converso bem em três idiomas (o meu incluso)
Não sei digitar, mas faço-o com extrema rpdz
Conheço as quatro operações matemáticas e a calculadora
Mas também decorei a tabuada, senão estava de castigo até hoje
Sei de cor a data de nascimento e RG (CPF estou treinando)
Não sei contar piada, mas conheço inúmeras ótimas
Conjugo verbos razoavelmente e uso os pronomes com correção
Domino as linguagens de caixas eletrônicas
 e aparelho de micro-ondas
Exerço um remoto controle sobre televisores e aparelhos de som
Faço uso exímio de escadas, saca-rolhas e abridores de latas
Apenas nunca aprendi a usar lapiseira e contar sílabas poéticas

Sou poeta
 e não tenho disponibilidade para atuação em outras áreas

Pira

Tabuada iníqua que sempre míngua linda, ou acróstica.
Língua calejada de uma cobra
que nos linka acrobática. Broca que me marca a cabeça
como certa cor acústica.
Cigana que grita contra algum kharma, flor ou suástica.

Caverna que se vinca bem-vinda
e embarca monolítica. Queima o meu coração
quando se arma de luz elástica.
Qual cruz de alguém que arde ainda,
desilusão estética. Esquálida crise quente
muito mais sempiterna e plástica.

Recomeço de seca sem sombra que se brinda dramática.
Mulher que se quer um leque
quase ícone, eufemística. Igual a uma quebra de braço
sem certa dobra dialética.
Guerra de catarse que não finda, ou fogueira fantástica.

tempo

quando o tempo chegar
ele não irá mais embora
vamos nos desgovernar agora
o tempo há de reinar, senhora

pelo tempo que resta ao mundo
passado e futuro, e espelhos perecíveis
de areias movediças, invisíveis
o tempo é no fundo o que desperdiças

o tempo há de parar as coisas que se movem
eras para sempre e nunca mais será
não há tempo para que se renovem, é para já
o tempo é sempre jovem

o tempo é devagar, mas raro
para sempre e pouco a pouco
vem de longe, sem pressa de voltar
o tempo me segue como um louco, não paro

o pai das épocas, e ancestral do dia
é o tempo filho da urgência
o patrão da sorte, paciência
o tempo fértil até na morte

o tempo é relativo, por dentro
está ativo e ao redor do centro, se esparrama
com um génio eruptivo para com um menor
quando o tempo chama, entro

já era o tempo da liberdade
o tempo não é para trás ou para frente
não nasce ou jaz, ele não é de verdade, somente
engana como o tempo pesa, é corrente

hospício ou asilo sem muro
o tempo é à prova de fugas, mora ao lado
velha nova, o fim e o início, o prematuro e retardado
o tempo é agora puro

mexerico

eu sou o poeta, uma árvore com espinhos
posso ser objeto de culto
mas me encontro à margem dos caminhos
vivo aqui já meio sepulto

e mesmo servindo de lar a vermes e minhocas e tatus
ergo-me com os braços no ar
as mãos cheias destas folhas com gotas de água e luz
que fazem sombra ao respirar

o meu sexo é pleno de cheiro e cor
apenas para satisfazer aos sentidos daqueles que voam
dão-lhe este lindo nome que é flor
todos que vêm até ele se afeiçoam

sinto nos elementos a doce poesia que apenas imaginas
e converto em fruto para quem lê
pois meus poemas são tangerinas
e que espécie de chupador é você?

Adição (ritual de Soma)

Caos, propiciatória álgebra das paixões,
turbilhão diáfano dos sentidos... o amor
como a mais intragável das compulsões
e o sexo aqui e agora é mais, mais ainda:
tragam os amantes às suas taças de licor,
ouvidos cheios de luar por estas canções,
agradeçam ao sonho à noite a sua vinda,
unidos no líquido serão de sólido torpor
que tomará este casal, mas antes brinda.

Há um olhar de relance à meia luz da hora,
então a pele e um beijo: há carne, mordida,
um ao outro estranho como um deus adora,
um além do um mais um se planta nos dois
tocados pela chance que ao abraço convida;
e aquilo àquilo chama por arder de demora,
paralelas cruzando no infinito e não depois
ao reviverem sua pós-morte recém-nascida
porque ambos são como somos e como sois.

Até a derradeira franqueza,
que é húmida e dura...
depois uma fraqueza
sem dúvida e sem censura;

entretanto renasce a liberdade perpétua,
solidão que ri
da incomunicabilidade enquanto mútua
perdição de si.